

## A Insónia de Amadeu

A cidade dorme. A corrente da bicicleta vai assobiando no seu estalejar metálico, rodinha dentada com cada dente por passo, uma medida de distância, que o homem que a leva não a monta, passeia-a pela mão. Os pneus coçados por demasiado chão e os raios da roda frontal recurvos, tortos, num sorriso redondo de ortodontia ausente, lembrando gargalhadas de frente, contra muros e parede. O selim vai roto, rasgado de cansaço com a espuma do forro tomando a vez de vísceras e duas molas ferrugentas espreitando, assumindo o esqueleto recurvo e espiralado que sempre entorta velhices. Leva os pedais à banda, trôpegos como os pés do homem que a carrega, num passo que arrasto, com a sola dos sapatos sussurrante em cada voo rasado ordenado pelas pernas- um milímetro de céu entre o chão e cada pé. Vão juntos, homem e bicicleta, de mãos dadas, amparando a velhice um do outro enquanto a cidade dorme.

Ninguém lhe notará o rosto de cágado. A queixada proeminente feita gaveta de silêncios, coisas por dizer e dentes omissos- um volume com quês de vácuo. Aquele olhar baço, num globo fumado como lâmpada que se extingue por dentro, curto-circuito e a combustão do vidro numa cortina de fumo, fuligem quase. Ninguém o verá espreitar míope por detrás dos óculos, focando sombras e esquissos de forma, escombros de um mundo de luz. Ele que cego quase, tateando com a biqueira dos pés naquela expressão aparvalhada, foguete de surpresa em rasto de fumo e enxofre pela cara, deixando restos de lume nos olhos, num deslumbramento interno, que ser cego é luzir por dentro.

Mas não tão cego assim. Ainda sabe por onde vai. Os bancos do jardim esperam-no em solidões de monólito. Apartados uns dos outros, animais coletivos condenados à distância do bando. Esticam-se em desespero pelo toque de outra pele que sua, mas sempre tão longe, fixos no ferro que os fundeia, tentando ainda assim, forçando sempre a horizontalidade das tábuas vermelhas que os compõem. Não tão cego e muito menos surdo, que as ouve: esticadas como fibras, músculos lenhosos em tensão, perto do estiramento ou da rotura, ligamentos de saudade, imateriais como tudo o resto, esforçando uma ideia cardíaca de peitos ocios onde nada bate, mas algo falta. Desfile vermelho da manada que não ruma a nenhum lugar. Toscos gnus de patas anãs, enterradas no esforço da imobilidade que a savana por onde migram não termina nunca se não pôde começar.

A referência à fauna africana azeda-lhe na boca, como se despropositada, agrura fermentada numa ideia de iogurte, pastosa, branca, perecível que não se espera na cabeça

de um velho a inocência das ideias de criança. Pigarreia, envergonhado quase, forçando-se a engolir a baba espessa, destinada a humedecer palavras que não foram ditas- parte orgânica do silêncio. Ninguém lho notará ainda assim, que a cidade dorme.

Não lhe verão o polo gasto acomodado à barriga rotunda, alcatifa de globos, bolorenta na frescura de uma manga-curta de Verão; nem os ácaros, nem o pó- segredos ou intimidades de objeto. Não atentarão nas riscas de cores feias, descombinadas, padrão desconstruído do *pantone* estético, aberrantes com as calças de fato, rotas no joelho, cinzentas mas tão ligeiras, sorridentes a cada brisa, como se viesse de baixo beijar em frescura os pelos ralos das pernas e as cuecas suadas, justas e claustrofóbicas nos elásticos mordentes. Ninguém atentará no velho com ideias de menino, de bicicleta pelo braço, chegando ao jardim.

Os candeeiros olham-no. Balançam-se entre as copas das árvores num abandono de insecto. Um fio que cabo, gordo e negro, sustem-nos. Ruína de teia com o corpo oco de chapa lembrando aranhas vazias, despidas de vida, carcaças deixando quitina, penduradas num balanço indeciso entre presa e predador. No ar resta ainda o zunido elétrico das lâmpadas aquecidas noite dentro, rabos redondos das aranhas que pirilampos afinal. Uma inversão predatória inspirada nesses peixes abissais alumiando a soleira da boca com fileiras de dentes em aguçada hospitalidade. A cidade dorme e os candeeiros impávidos, desligados da noite que finda.

São tílias e plátanos que os sustentam. A avenida frondosa de copas escuras, cerradas como penas de pombo, numa capa impenetrável. Reconhece-as pelo cheiro: saliva, baba de coisas por dizer, que o silêncio das árvores é igual ao seu. Abertas em arco, numa garganta de verdes, condenadas a esófago de um trânsito digestivo com pessoas por comida- bolo alimentar de ócios e travessias. Boca sem dentes, luz apenas, que a fossa não é abissal e ao peixe chegam-lhe bem as gengivas para comida tão desossada.

Sem que dê conta, mastiga também. A queixada foge-lhe para o lado, ruminando algo que não dirá, num murmúrio apenas, compassando o queixume da corrente mal oleada. Conversam os dois, velho e bicicleta, em monossílabos continuados como se um dialeto de gemidos.

A cidade não verá o céu que amanhece. Nos seus olhos ensonados perderá a aguarela vertida pela laje fria da noite, mármore negro, com o azul da manhã brotando entre frinças, tal fungo ou líquen- humidade luzidia. Perderá o manto róseo, salmão e vermelho, estalando cores como camadas, películas finas de pele seca, sobrepostas, rasgando num parto de espinho há muito enquistado: o sol.

Amadeu está conformado com a cegueira e não espera ser notado. Há muito se habituou àquele olho vazio, retina laça, negra em cor de poço, de uma pálpebra levantada ao rosto de quem dorme, tentando ver no olho o espelho das coisas que por dentro sonha, mas encontrando fisiologia apenas, desbaratada ali, inabitada quase, oscilando na cavidade do osso forrada a carne, muco e remelas, cega do espião que a espreita. A cidade sonha com outros palcos e aquele evade-se do seu foco; *“Mas melhor assim, melhor assim.”*, mastiga Amadeu em confissões ao guiador que lhe ampara a curvatura das costas.

Chega lesto, esquecido da sua fisionomia de gárgula. Os pés tombam-lhe um diante do outro, sem estampido ou poeira, uma leveza inusitada àquelas pernas de destroço como se ruína flutuante, ausente. Construção mental da citânia de cada passo, adivinhando, a partir de joelho ou canela, movimentos e intenção. Assim caminha Amadeu, numa arqueologia de movimento, que aquele espaço há muito deixou de lhe pertencer. Não se acanha por isso e segue invisível, morto entre os vivos, desperto ante dormentes.

Ainda a noite era por inteiro e já as duas rodinhas assobiavam pela estrada. Não as montava. Deixara de o fazer muito antes de se perder do tempo. Habituara-se àquele passeio amparado, às duas mãos no guiador e ao conforto de saber que algo lhe sustentava a passada. Não caía no cliché de não saber quem passeava o quê. Ali não existia um em relação ao outro- distintos. Da mesma forma que o andarilho faz a vez de equilíbrio às pernas que ao velho faltam, ou a vareta se assume os bigodes do gato que o cego não é, também a bicicleta tomava um papel quimérico: centauros os velhos, esfinges os cegos e uma mitologia por inventar em Amadeu.

Passou junto da doca com as estrelas no céu ainda. Os barcos de encontro às paredes cinzentas, escavadas no chão, ancorados e de terra enforcada em amarras. Aquário lodoso de águas roubadas. Um rio inquinado, estanque pelo receio dos homens que de tudo fariam estrada ou passeio se o mundo os deixasse. Era verde a água, mesmo que não a pudesse ver. Verde naquele negro manso, óleo pingado gota a gota de uma boca de esgoto aberta no céu. Era verde a água, como o lodo e as algas. As tainhas à superfície em cabeças de batráquio, mostrando o visgo dos olhos e a boca faminta, aspirando goles sem pão. Peixe viscoso, em bando como pombas, trocando as penas por escamas, rémiges que barbatanas, mantendo-lhes cor e sebo. As tainhas que não via, mas escutava, num chapinhar sofrido de evolução enjeitada, nadando entre sacos e garrafas, invisíveis também, nesse silêncio de medusa, flutuando- fauna plástica. Passou junto da doca com as estrelas no céu ainda e

atentou no estreitar de mãos. O Homem tocando o rio, no seu rasto de lixo e gordura, com o outro sorrindo, enlaçando os dedos limosos e húmidos. Era um leito de amor, revolto pelos corpos suados, sujo das humidades exsudadas que, depois da maré, só espuma e escombros sobram na costa.

Havia barcos despertos sobre o lençol frígido daquela cama. Flutuavam nas suas luzinhas, oscilando com a água, deixando um rasto de brilho como baba de caracol, lembrando passagem- o vagar de quem chega ao longe. Vultos mexiam-se no convés, parte côncava da casca de noz habitada por formigas na distância. Pontinhos negros de quitina passando sobre a luz e um vozear de canto, chamando o resto da tribo. Saíam ou chegavam, era igual. Para pescadores de tanto mar, havia um ir sem voltar; homens feitos de maré, condenados à intermitente viagem de quem não pode chegar realmente.

Saudou o navio hospital quando passou por ele. Lançou-lhe um olhar de pena e quase jurou ter visto uma lágrima, pingando de uma das escotilhas e recusando fundir-se àquele lodo que água. Ficaria à tona, menos densa, escondida até que o sol a esventrasse numa dessas manchas arco-íris, mostrando o rasto continuado de um choro que vinha de trás- gasolina ou diesel, que choramos a viagem trazida no peito. Saudou-o e condeu-se do seu flutuar confuso, iluminado pela fileira de luzinhas necrófagas, debicando em clareza o pouco que restava ainda à carcaça. Um leviatão de ferro, nascido nos mares e agora condenado àquela banca de peixe; Moby Dick tornado faneca, num agoniar lento, perpetuado. “*Visite o Gil Eannes*” em letras garrafais numa placa de chapa, ferrugenta, ironicamente recortada na forma de um navio miniatura, roída pela salitre trazida no vento e assente no chão num sorriso trocista. Era a laje de uma morte negada. Àquele gigante não seria dado repouso e a cidade dormia, indiferente.

Um balanço de casco rouba-lhe o equilíbrio e um dos pés segue na direção errada. Não fosse a bicicleta e teria tombado; Amadeu viaja mais em si que pela rua. Para para se recompor e sente o bafo frio da manhã, hálito fresco de uma boca entreaberta trazendo as trocas gasosas de um motor operado em repouso. A cidade dorme no leito irmão do seu e os lábios desencontram-se, entrevendo a fileira de dentes que não sorriem, que não lhe falam, dolorosamente estáticos mas conspirando a tudo isso.

O corpo compraz-se da distância e diz-lhe ter chegado. Não o contradiz. Cambaleia até ao banco mais próximo e estica a mão para a garupa africana que este lhe oferece. Afaga-o, escuta o resfolegar cansado de azémola, pequeno Atlas, que cada rabo ali sentado

é um mundo e céu para carregar. Desprezados titãs, ele e os outros, irmãos, que o fado de um objeto é ser usado sem licença. Desculpa-se Amadeu por tudo isso e pede-lhe repouso, amparo àquelas pernas que o fundeiam. Vê um anuir no caracol de tábuas e agradece.

A bicicleta pousa-a atrás. Ficarà sentado por um bocado e ali não haverá o risco de uma passada em falso. É velho e sabe-o, mas só o corpo o traiçoa, que as pernas dadas por dentro levam ainda um voitar de entusiasmo, correria infante de quem tem pressa de todos os lugares.

Senta-se feliz e deixa escapar um sorriso naufragado que ninguém notará. A felicidade com casco rombo, a encharcar naquela boca, afundando em trejeitos que levam já mais de memória do que deles próprios. Um sorriso de coral, mexilhões e algas, roubado pelo mundo novo a que pertence; de chumbo lembrando o peso que o verga, no barquinho dos lábios, curva côncava, rumando ao pélago da cabeça de um velho. É um menino quem sorri do fundo de Amadeu.

Gosta daquele ar da manhã. Aquela frescura antecipada do dia que começa. Sorriu já ao canteiro de amores-perfeitos, júbilo tricolor na passadeira verde que estenderam ao longo do jardim. Sorriu-lhes e alegrou-se por vê-los com tão bom ar, húmidos ainda, enfeitados de joias aguadas- pequeninas pérolas em cada pétala e folha, como se brincos ou colares. Sabe não ser orvalho, mas nem isso o entristece. As manchas húmidas no caminho e o manto uniforme de gotas e gotículas com que a erva se enfeita, dizem-lhe ser da rega. Maquininhas cuspidoras enrançadas no relvado, roubando protagonismo ao cantar do galo que, a horas mais certas, tecem aquele manto de humidade cobrindo o sono de quem nunca dorme por não existir acordado realmente. *“Sorte a das plantas.”*, desabafa numa fala gemebunda- monólogo, que não espera resposta da bicicleta.

Compraz-se com o manto e não deixa de notar que existe nele algo de celeste. Se a luz fosse a correta, se aquele sol indolente brilhasse mais a pique àquela hora, teria as constelações todas por terra, deitadas à relva num abandono de berlindes como se o céu farto de as carregar. E depois veria a mesma luz roubar-lhas. Um fuminho invisível, vapor sublimando a eternidade de astro à humanidade dos segundos. Os berlindes a enrolarem-se nos olhos e a língua a vir espreitar ao canto da boca, num franzir de concentração, que faz mira ao céu. Devolve estrelas ao buraco correspondente, lançadas a golpe de polegar, com a unha suja, negra da terra que não merecem habitar. Felizmente que a cidade dorme e ninguém o vê para julgar. Não sobra muito espaço no mundo para um velho jogar berlindes com o céu.

Sentiu o aroma húmido a maresia instalar-se na cova das suas narinas. Um perfume familiar, gato de volta ao cesto, que viver tão próximo da água tinha desses encantos. Sentiu-o ténue primeiro, como se apalpassse quem o notava, e depois por inteiro, trazido em atropelo na brisa que soprava. Enroscou-se naquele espaço, tal safio ou moreia; um dedo metediço ocupando corpos alheios.

Só o rio cheirava assim. Não esse, manso, da doca inquinada. Um outro que o mesmo, com mais vida nas guelras. Havia naquele perfume movimento. Um coalhar de margens, encharcadas na partida e retorno daquelas águas. Talvez não se apercebessem os homens, mas aquele rio pescava com eles. Ia e vinha todos os dias, trazendo as redes bojudas de peixe e não as içando nunca, que a uma fome assim, nem a eternidade por pesca bastaria.

Podia adivinhar a bodelha suspensa nos penedos do molhe e os mexilhões aglomerados pelo cais, unhas negras de mãos que nunca chegaram a ser. Sabia-os a todos ali, algures, naquela vazante que os deixava a descoberto. O rio desnudava-se e os segredos evolavam-se num aroma húmido, de foz.

A bicicleta seguia a sua cantoria de pássaro enjeitado, desafinando a cada volta de roda, tornando a ferrugem canora. No escuro, e se fechasse os olhos, encontrava harmonia entre a corrida do rio e a sua bicicleta. Uma azenha em seco, sem água que a movesse, mas com o hábito de girar. Seguia com ela em sentido contrário ao das águas, que do mar vinham eles, mas nem isso o impedia de ver a rodinha do moinho, girando com as pás encharcadas, e a mó dentro de si, moendo o grão das coisas que não dizia. Se farinha lhe desse, faria um bolo de frutos secos. As passas e nozes desses assuntos que trazia velhos ao fundo da garganta, insuflados em farinha num fermento feito de viagem. Só lhe faltaria o açúcar, que esse não o arranjava. Seria o primeiro bolo amargo na história dos bolos.

Sabia que, algures do seu lado direito, estava o rio e era essa certeza quem lhe dava as imagens. Muito embora não o visse, ele estava ali, tapado pelo cimento dos edifícios que alguém decidira erguer. Nunca percebera muito bem o domínio do ar. Que a terra fosse dos homens (mais de alguns que de outros) ele ainda aceitava, mas aquela posse do céu escapava-lhe. Encaixotar o ar entre betão e vidro a seu bel-prazer. Uma atmosfera amena, sem brisas nem rajadas, estanque como um aquário, confiando na anatomia de polvo dos corpos gasosos para que se enturmassem entre fendas e buracos, evitando a hipoxia. Condescendia que as pessoas não dormissem ao relento, mas aquela dimensão paquidérmica incomodava-o.

Subitamente deu por si a olhar hipopótamos. Três rabos gordos de bestas cansadas. A cabeça escondida, algures, envergonhada talvez pelo corpo tão disforme; só as ancas quadradas nos vértices de caixote do deus-arquiteto que lhes dera anatomia. Enterravam-se tais avestruzes. Pavilhões de cultura, eventos ou desculpa alheia; escritórios, cafés e restaurantes. Enterravam-se sorrindo só com o rabo. Eram feios e Amadeu condeou-se. Pudesse ele afagá-los e dizer-lhes que não tinham culpa, que a beleza é relativa e que o amor é cego; um desses chavões à fealdade para que não seja tão amarga a inevitabilidade da sua existência.

Jaziam os três, intercalados por espaços abertos. Abria-se a praça entre dois, estendida ao rio. O cordão manso das águas corria ao fundo. Seguia negro ainda, sem sol nem céu que o pintassem. Amadeu parou de caminhar e a bicicleta gemeu com o premir do travão. Entendiam-se no dó que aquilo lhes inspirava. Uma pena nos ossos, vibrando em frio e desconforto. Fosse o esqueleto dela forrado a carne e talvez se não ouvisse aquele queixume. Sorriu-lhe, cúmplice, afagando o guiador.

Era a primeira vez que o viam naquela noite, ao rio, sumido até então por trás de navios, docas e cidade. Ergueu o braço timidamente e com os dedos entrelaçados acenou-lhe. Cumprimentou-o com pudor, receio quase, como a um amigo de longa data cuja amizade se descurou.

Sentado no banco, olha em frente. Os barcos chocalham entre eles, espremidos na marina. Frigoríficos em bando numa brancura de eletrodoméstico, flutuando. Pertencem todos à mesma família, irmanados pela espécie. As feições de uns enxertadas nas de outros, como o nariz do pai no rosto da filha, ou a barbela da avó na queixada do sobrinho. Um cinzel aberrante com gosto pela consanguinidade. São dentes na mesma gengiva. A boca por inteiro crescida num dos maxilares apenas, dando azo a uma expressão difícil de descortinar. Amadeu não sabe se assiste a um sorriso ou esgar- lábio leporino da paisagem, deformando-lhe feições.

Vê-os do seu banco, por entre as árvores, para lá da estrada e do jardim. O silêncio da manhã ainda se escuta. Uma gaivota debica as penas da asa no topo de um poste apagado. Já não resta noite no prato, migalhas apenas, num azul mais escuro do céu. O sol vem em gomo de laranja, arvorando de nascente. As sombras despertam, languidamente, naquela luz que ainda não aquece. E a cidade dorme.

Amadeu está ciente do sono. No ar revibra esse ruído branco, vestígio das coisas que existem. Um exalar sonâmbulo do corpo gigante que tomba a seu lado. A cidade dorme, com as mãos unidas junto do rosto, talvez. Morna e serena. Vê-lhe as pestanas loiras de caniço e junco, secos do sol, crescidas nas ínsuas do rio, ou de milho dourado, hirto nos campos junto à praia. Vê-as ondear nessas ervas rasteiras, sem nome e sem credo, que sempre surgem encimando encostas. Agitam-se ao de leve, no girar dos olhos que escondem, entretidos a sonhar. Conhece-lhe o rosto e o tornear do corpo, o relevo dessa anatomia em concha abandonada à lassidão da noite. A linha dos ombros e da face nas colinas verdes, os braços e o tronco espriados junto ao mar, numa pele feita de camadas, tão fina que areia, arrepiando-se em dunas e cardos à mais leve brisa. Amadeu conhece-a, mesmo com os cabelos sobre o rosto, despenteados na vazante ou enchente das águas que os compõem. Esteve ali com ela desde que se lembra, quando o tempo ainda era seu.

Manhãs frias de idas para a escola, com o quadro de ardósia no saco e um pão com marmelada para as fomes do dia. O cheiro a giz no quadro da professora e a sensação apertada do joelho esfolado, no recreio, de encontro ao tecido das calças, empapando de sangue a fibra, tornando-a una com a ferida. O chilreio das crianças como ele, vivas, num bulício de quem tem o tempo todo para esbanjar. Os sinos da igreja espantando pombos e o deslumbre de ver nuvens pontilhadas a negro e penas, brincando disformes na tela do céu. O estalejar das folhas de Outono, tombadas na berma do passeio, e a ânsia do joelho em dobrar-se com mais força sobre elas; pisa de uvas que folhas com as vinhas eriçando os muros do caminho para casa. As uvas em cacho, num dourado a contraluz, e as outras tintas, como palavras por escrever, inchando de pigmento à espera de serem colhidas. O sorriso roxo do avô, ao portão, num perfume de vinho- palavras colhidas afinal; outras, que conversa- e aquela mão áspera no rosto, raspando como a gravilha no joelho. A avó e o colo terno, com o lanche de gemada e leite morno, açucarado de grumos. O travo gordo das vacas rebolando a cada gole num beber feito de trincas. As galinhas e os patos no meio das gentes e as saias das mulheres sempre molhadas, entre o orvalho da manhã e as águas do tanque de quem lavou o dia todo. A corrida lançada pomar adentro e a acidez das maçãs em trincas, no nariz. A alegria do despropósito, da falta de razão, o singelo sorriso de quem pode ser feliz.

*“Não sobra muito que tragar a um velho.”* O esboroar da côdea, dura contra as gengivas, num vértice sem dentes que o arrombe, e a língua atordoada, tonta das cambalhotas no esforço inútil de humedecer em visgo a parte mais dura do pão. Não sobra muito que tragar a um velho se a vida começa por ser comida no miolo. É isto que Amadeu



remexe entre gengivas. Um ruminar de palavras inchadas, há muito apodrecidas na espera de quem nunca as disse ou colheu. A bicicleta não lhe responde. Não saberia fazer mais do que remoer aquela verdade, amargando a pasta do bolo que nenhum dos dois cozinaria. Sabe-a de encontro ao banco e isso basta-lhe.

Olha para o seu lado direito e vê a extensão de árvores, em arco, até ao fundo do jardim. As folhas que começam a ganhar forma com a clareza do dia, mas ainda assim escuras, que o céu, daquele lado, tem mais apego à noite. O sol vem já subido no lado oposto; vem da esquerda ou de Leste para quem se vira a Sul. O rabo da bússola na sua cara e Amadeu sorri, imaginando os pontos cardeais por corpo. Ao Norte a cabeça, a Leste e Oeste braços, e o Sul por cauda num bicho pernetta condenado a arrastar-se, que quem tem os lados todos não precisa de chegar a nenhum. Sente ao de leve, no rosto, o abanar de rabo feliz enquanto repete a visão da marina e dos barcos.

O sol vem da esquerda e o céu é já todo azul. Tudo isto lento, em gestos de gigante. A luz acorda as sombras e os segundos são de promiscuidade entre o claro e o escuro. As coisas espelham quimeras contidas nas coisas, num ângulo enviesado pelo chão, oblíquo da luz que as arrasta, e o mundo enlaça as mãos entre o claro e o grotesco. Amadeu sorri e olha o chão em busca do seu eu disforme. A sombra do que guarda está contida na barriga de uma maior, talvez, que as copas não deixam o sol chegar, e só os amores-perfeitos, no tapete verde que alguém estendeu pelo jardim, regozijam por breves momentos da pequena sombra de quem decidiu crescer rente ao chão. Amadeu sabe que a luz lhes levará a água e os berlindes tornarão ao céu. Desiste de o mirar, contudo. Arqueia as costas e sente o sono da cidade enquanto olha novamente para o fundo do jardim.

Seguiu caminho com os dedos molhados. Um rasto de lágrima ou cacimba. Essa humidade delicada, que não chega a molhar, insinuando-se invés num toque frio e viscoso. Remexeu-os para se certificar de que ali estava, aquela água, e levou-os à boca, sentido o sal entre falanges. A mão a entregar à língua o soluto de algo que não se soube dizer.

Amargou o passo e seguiu viagem. A avenida corria direita do seu lado esquerdo e as luzes amarelas conferiam a tudo um aspeto de naufrágio. Pintura a óleo da calamidade de se continuar vivo no fundo do mar. A cidade submergia naquela luz espessa, viscosa, demorando as coisas e os gestos das coisas. Ficavam os postes hirtos, de peito feito, sentinelas da noite guardando o mundo que ninguém quis. Inchavam os passeios e as casas, avenida fora. A estação de comboios ao fundo, o centro comercial em volumes de

furúnculo- enquistado, purulento, podre de febre e intenção- mais casas, o hospital, as rotundas e as estradas que alimentam rotundas, e mais casas ainda. A colina em tons de negro, sobre tudo, abafada pela palidez do cimento e plástico, pelo rosto exangue da doença, com o templo no topo. Uma cruz azul. A salvação indicada por luzinhas que até Deus se convertera ao pechisbeque.

Santa Luzia olhava-o. Esse jeito ciclópico que as igrejas e mosteiros sempre arranjam quando feitas no cume de alguma coisa. A íris escondida por trás do vitral, numa espécie de catarata multicolor. Não via nenhuma das duas, só a cruz, mas o hábito sabia-as ali. Um espaço palpável no negro da noite que o olhar também tem peso, jeito de mão pousada no ombro, mais fina apenas, ténue que as imagens precisam de menos corpo. Parou, não tanto a saudá-la, mas a retribuir-lhe o gesto. Olhavam-se velho e igreja, cegos um do outro; o primeiro diluto entre casas e passeios, ensombrado pelas luzes amarelas, e a segunda puxando a noite das copas que a cercavam, como um manto feito de folhas, deixando a cruz de fora- farol de fé talvez, se ainda a houvesse.

A cidade havia de chegar a ela. Era isso que o olhar de Amadeu dizia. Não a cidade dos homens, nessa vilegiatura de funicular-escadório, automóvel-excursão, bicicleta-corrída. A cidade das casas, dos muros e vidros, das zonas de excelência para alguns habitarem. Era um cerrar de dentes miudinho, uma fome grande a trela pequena. Avançava com pezinhos de lã, tremelicares de térmita. Comería tudo. Cerraria as árvores, erguería quintais, vendería o céu e a vista, o que houvesse entre ela e o próximo bocado de terra. Levaria tempo, que o pudor ainda obrigava a alguma contenção, mas chegaria o dia. *Vinde a mim*, pedira ele, *mas não assim*, o diria se soubesse.

Dava voz a cristo e pecava outra vez por o não pôr a letra grande. A cruz pareceu expandir-se por um momento, uma luz mais azul como se a labareda da purgação também de plástico. Não se atemorizou, manteve firme o olhar no escuro que lho devolvía. Levou o dedo à colina, o mesmo que ainda há pouco salgado, e coçou o ar. Raspou com a unha aquela camada seca de casas e estradas. Prurido na pele, uma infeção alastrada, bexigosa, num ponto das costas onde se não chega. *“E as árvores?”*, perguntava o dedo. *“E o verde? O cheiro a chuva e névoa em terra molhada pelo céu? O cantar das copas?”*, continuava em cada coçadela. *“E as árvores?”*, perguntou por fim Amadeu.

Devolveu o dedo à mão e desta vez não trazia nada. Vinha seco, sem água nem sal. Tampouco pus, sangue, linfa ou pele morta. Ainda assim, limpou-o às calças. Enojado do nada. As casas continuavam no mesmo sítio, o prurido também, e a cidade dormia.

Não virá nada nem ninguém ali do fundo. Acaso vistam o verbo e o usem, tampouco virão a si. As copas alongam-se num arco de esófago e no fim, o vazio, a fome talvez se continuar nessa teima de jardim por boca. Amadeu olha por olhar, como quem suspende uma ideia, antes mesmo de a formar, a corpo meio, não sabendo o que fazer com ela acaso a tenha, inteira, entre mãos. Deixa-a assim, esquecida como o olhar, pousada num cabide com mais de gesto que de corpo.

A estátua ergue-se cinzenta, ao fundo. Amarelada pela distância talvez, ou antes pela luz que a tudo traz as cores; amarelada por líquenes e fungos que sempre atestam velhice. Os anos escorridos pela pedra, liquefeitos, como se subitamente, o tempo, um copo de algo vertido nas coisas. Também Amadeu o sente na cara, as gotas lentas e espessas, sulcando rugas, feições, a repetição de gestos e expressões à exaustão, à rendição total do corpo até ao dia em que este se farte e grite *“Basta!”*. Olha-a ao fundo e não lhe vê mais que a base. Conhece-a.

Mulher empoleirada com o ondular de vestes estático. Um momento de vento que passou e não mais, relíquia do efêmero; mente movimento quem assim nasceu para ir a nenhum lado. Não mente com os olhos, baços, da mesma pedra que o corpo ou as vestes, voltados para dentro quiçá, na viagem derradeira que tudo faz. Segura a caravela, filha pródiga; aperta-a no peito como mãe galinha para que esta não voe. *“Galinha fui, galinha serás.”*, e as velas recolhidas, inúteis, artefactos de voos passados que o espécime de hoje terá asas por braços, já que o céu lhe não pertence. Tampouco o mar, se é em terra que a fundeiam. Conhece a estátua, jogou ao sério demasiadas vezes com aquela pedra, de baixo sempre, rogando-lhe que voltasse os olhos a si, que o encarasse por fim e se deixasse de mentiras, fingimentos nessa fome de navegar e horizontes.

*“Estilo rococó.”*, saberia dizê-lo, e ali um sorriso a surgir-lhe no rosto que *“cocó”* ainda faz feliz Amadeu. Vícios de criança, escatológico humor. E cocó há muito, de pomba ou gaivota, mais pousado que as aves, em montinhos. Também ele tempo, escorrido como o resto. Ri o velho do capricho do estilo. *“Rococó.”*, ainda a trambolhar pela boca e a caravela cheia dele.

Acompanha-o ali do fundo. Dá-lhe alento sabê-la ali, bem como a bicicleta guardando-lhe as costas. Acompanham-no os bancos e as árvores, as coisas que o mundo arrasta para mais um dia sem que nelas haja o entusiasmo de o ver. Quem vive há tanto tempo leva os dias por segundos e os anos por hora, um relógio tão maior que não haveria pulso onde o atar. Sorri dos amores-perfeitos, emociona-se quase. Vêm os olhos molhar-se

de os ver tão abertos, tão vaidosos, senhores da luz e da cor, alheios do fenecimento, das pétalas mirradas e soltas pelo chão. Efémeros, todos eles, e Amadeu sente faltar ali outra estátua, essa sem vestes ou ondear, caravelas tampouco. Algo pequeno, mínimo, um hino à insignificância. Uma flor de granito, rococó ela mesma, com orvalho, rega, cor e luz, escondida entre as ervas, se o quisessem, mas ali ainda assim, para quem a buscasse. Não conta a ideia à outra, estátua primeira, a quem, ao fundo, só vê a base. Omite-lha num sorriso cúmplice que saberia ter eco da sua expressão ali e deitaria por terra tantos anos de seriedade. O mundo não está ainda preparado para o sorriso das estátuas.

Mira-a uma vez mais, recuperando o olhar que há pouco deixara nela pousado, esquecido ou tombado- suspenso. Puxa-o a si e logo sente a ideia que ele arrasta. Vem pelo chão, com as imagens. Tem peso a mais para quem é.

O dia começa e a cidade dorme. Amadeu sabe que ali ficando a verá dormir, dias a fio, noites inteiras, o tempo a que se propuser mirá-la. A cidade dorme nos primeiros passos da manhã e ele ouve as engrenagens que se aprontam, maquinaria lenta, em repouso, automática de quem sabe a lição de memória. Este velho já não vê dias. Vem de um tempo onde o tempo se deixou ruir; faleceu dele mesmo, cansado de levar-se. Amadeu olha a extensão do jardim, a marina dos barcos, o rio que azul já com o céu a pintá-lo, ao longe, correndo; olha a ponte vergada, unindo as margens como sutura de uma ferida aberta, a gaivota que parte e os pombos que despertam debicando as pedrinhas no seu arrolhar. Tudo se repete, tudo está no devido lugar ao sonho que se retoma.

É de manhã ainda e Amadeu já vê as esplanadas, roubadas do sono e atiradas ao largo, cercando cafés. Ouve-lhes o arrastar de cadeiras e vê as pessoas tombarem sobre elas, como folhas, pelo chão- um Outono de corpos. Conhece-as. As professoras de português em bando com as mãos de veias azuis, engelhadas, segurando xícaras quentes. O verniz das unhas, lustroso como a porcelana, mãos de caco elas mesmas, e o biquinho da boca, torneado pelo batom condizente com o casaco, a server chá e vapor, intervalando o remastigar das conversas que repetem desde o começo do mundo. Sabe os homens descasados, acidentados nesse parto da idade madura, renascendo com as roupas trocadas, descombinadas, sem graça nem primor, numa espécie de abandono; os homens com jeito de quintal em casa arruinada. Órfãos, buscando colo nas cadeiras e puxando do cigarro. Dentes amarelos de fumo e espuma dos cafés que insistem em tomar, sempre com aquele olhar vago, lento de quem pede socorro, migalhas de conversa. Um pescoço longo de ave pernalta e os jornais por penas, abertos sobre a mesa em despudor, como a plumagem fanfarrona de um pombo, cinzenta de opinião e destaque desportivo, debicando em silêncio

os mínimos interesses que ainda os habitam. Os casais de namorados na rotina partilhada e o aborrecimento de um sono sem sonhos, em silêncio, catando com a ponta dos dedos as migalhas que o outro deixou tombar no colo. A mãe vergada à ditadura conjugal com os filhos pela mão, parando para um refresco, ajoujada pelos sacos de compras e víveres. Talho, fruta, pão e roupas; o ensurdecedor plástico canoro das sacas onde se guarda uma vida. Os cães cheirando o rabo uns dos outros, encostando o nariz rosado ao tegumento rosado, escuro nalguns, e a mão curiosa que se estende a afagá-los. *“Morde?”*, *“Não, esteja à vontade.”*, e uma festa entre orelhas. As crianças que correm, sempre crianças, abrindo espaços e mundo, duplicando universo ao jardim nesse encanto de quem faz infinitos com coisas que ainda lhes cabem nas mãos. O chilreio das mesmas compassando o dos melros, piscos, das aves anónimas em vulto por detrás das copas. Amadeu conhece-os. Bem como aos outros, perdidos entre as vísceras da cidade. O homem esticadinho no seu fato escuro, ponto de exclamação com pernas, e a gravata tão preta sublinhando na perpendicular aquilo que traz no peito- rasurando, portanto. O varredor de boné mascado, pisado pelas mãos suadas, negras do cabo que agarram e do pó que levanta. Ajeita-o pela enésima vez, puxando a pala para o olho esquerdo, franzindo expressão e mascando a beata que há já quinze minutos vem apagada. O gosto a cinzeiro, na língua, e os papéis de gelados, doces em tempos, os plásticos e as beatas, outras que não dele, pelo chão rebolando a cada vassourada, limpando a rua para que, amanhã, outros a possam sujar. A velha coxa que se arrasta à igreja, no seu cabelo de nuvem, tão leve e pomposo, encaracolado para que não lhe vejam a careca, de mão tremente, encostada ao peito, gemendo as dores que a luz do dia não deixa chorar, ansiando o granito, a sombra do altar e dos bancos de pau-preto, onde as lágrimas hão de correr, discretas, para que só Deus as saiba. O padre enforcado no colarinho romano e as bochechas cor-de-rosa saltitando na passada que só a pressa o leva. E os outros que ninguém, que só outros, os milhares de corpos transeuntes, vagabundos de uma vida organizada, sempre com onde para o ir e o estar.

Emociona-se Amadeu, uma vez mais, e fecha os olhos. Lá vêm as lágrimas em torrente pela cara. *“Oh tontas flores, pobres amores-perfeitos...”*, sibila o velho enquanto chora, puxando ao peito todos quantos sabe. Abre os braços e abarca a cidade, abarca aquela gente toda sem que ela o saiba, embalando-lhe cores e pétalas, e chora sem que ninguém o veja. Chora o velho por quem dorme no seu peito e não sabe das folhas tombadas pelo chão.